

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Mulheres têm poucos motivos para comemorar

Data será comemorada com festas e protestos; OMS alerta para o fato de que as mulheres estão mais expostas que os homens aos problemas de saúde mental por causa das desigualdades sócio-econômicas

GENEBRA — O Dia Internacional da Mulher, que se comemora hoje, será marcado por festas e protestos. Um estudo realizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e divulgado ontem, no entanto, revelou que as mulheres têm poucos motivos para comemorar. De acordo com o levantamento, as mulheres estão mais expostas que os homens aos problemas de saúde mental, consequência das desigualdades sócio-econômicas que as levam a desempenhar um grande número de papéis sociais. Segundo o

relatório Aspectos Psicológicos e Mentais da Saúde da Mulher, stress, depressão e ansiedade são as doenças que mais afetam as mulheres.

Segundo o estudo, certas situações que a sociedade considera normais podem camuflar problemas de saúde mental, especialmente as casadas, tendendo a se acentuar proporcionalmente ao número de filhos. Um dos fatores que agravam a situação é a responsabilidade, raramente com-

partilhada pelo marido, de tomar conta dos filhos e da casa.

O levantamento mostrou que as mulheres que trabalham foram gastam em média três horas nos afazeres domésticos e uma hora na tarefa de cuidar dos filhos. Os pais, por sua vez, dedicam 17 minutos às atividades de casa e apenas 12 minutos aos filhos. Além disso, os homens que trabalham assistem uma hora a mais de televisão do que as mulheres, dormem cerca de meia hora mais e passam mais tempo à mesa.

Outro dado revelado pelo estudo: mais de 90% das pessoas que sofrem de transtornos alimentícios são mulheres. Isso se explica pelos estereótipos sociais vigentes, exigindo uma silhueta perfeita, objetivo inacessível para boa parte das mulheres.

A violência e a pobreza também causam distúrbios mentais. Mulheres sozinhas e com escassos recursos estão mais sujeitas à depressão.

Greve na cozinha

— Para comemorar o Dia Internacional da Mulher, as alemãs decidiram que hoje não lavarão os pratos. As italianas, por sua vez, resolveram que o protesto será um tipo de vingança do prazer e organizarão strip-teases masculinos.

Para a deputada italiana Emma Bonino, no entanto, qualquer comemoração é equivocada. "Essa festa é

tola e não faz nenhum sentido", criticou Emma. "Já que não existe o Dia do Homem, por que existir o Dia da Mulher?" A deputada lembrou que na Itália existem 1,4 milhões de mulheres desempregadas.

A dura realidade social, entretanto, não tirou o bom humor de parte das mulheres. Em Roma, 15 mil garrafas de champanhe serão abertas em bares e restaurantes e as interessadas poderão ver o ator Rocco Sifrede, uma espécie de versão masculina de Cicciolina, tirar a roupa em público.

Em São Paulo, o dia será celebra-

do com passeata e seminários. O Instituto da Mulher Negra organizou um protesto bem-humorado. Com o tema Mulheres pela sua Cidadania e divididas em "alas", as participantes estarão ressaltando todos os tipos de discriminação que a mulher sofre na sociedade. A saída será em frente do Teatro Municipal às 17 horas.

No Centro Cultural Paulo, o seminário Mulher e Direitos Humanos — Lutas, Conquistas e Realidade começa hoje e tem o objetivo de analisar e discutir a posição da mulher na sociedade. No Palácio dos Bandeirantes o governador Fleury Filho se reunirá com seu secretariado e integrantes do Conselho Estadual da Condição Feminina para avaliar as políticas desenvolvidas pelo governo e definir as ações a serem adotadas.

DEPRESSÃO
ATINGE MAIS
AS MULHERES
CASADAS

21% dos menores mortos em 93 eram meninas

Número faz parte do perfil de menores de baixa renda preparado pela Unicef

ROBSON PEREIRA

RIO — Ofendidas, agredidas e humilhadas. Este é o perfil das meninas de baixa renda no Brasil traçado pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap) e pela Unicef, o fundo das Nações Unidas para a infância e adolescência, na campanha "Miss Brasil 2000 - Prêmio nenhum vale tanta dor", que será lançada hoje, Dia Internacional da Mulher, em todo o País. A exemplo do que ocorreu em 1988, com as primeiras denúncias sobre a atuação de grupos de extermínio na Baixada Fluminense, a campanha tem tudo para ganhar as páginas da imprensa internacional e novamente arrancar a imagem do Brasil no Exterior, já desgastada por chacinas e massacres.

Um dos relatórios que a partir de hoje será enviado a entidades de direitos humanos do Brasil e do Exterior revela que o número de assassinatos de meninas já representa 21% de todos os homicídios de menores registrados no ano passado. Em alguns Estados, como Minas Gerais, as meninas já são

maioria (52%) entre a população de 0 a 17 anos, vítima de assassinatos, de acordo com pesquisa realizada pelo próprio Ceap em oito Estados. A menina carente é uma vítima invisível da ausência de políticas públicas voltadas para a sexualidade, violência, saúde, educação e mercado de trabalho", definiu Ivanir dos Santos, secretário-executivo do Ceap.

Apesar de grave e de atingir números assustadores, Santos considera que a prostituição é apenas a parte visível dos problemas enfrentados por meninas e adolescentes. "É quase o final da linha, uma consequência da miséria e do abandono", afirmou Santos. Com base em números da Secretaria do Menor de São Paulo



Cartaz da campanha

e da Sociedade Brasileira de Pediatría, o Ceap estima em 6 milhões por ano o número de meninas vítimas de violência sexual e em 3 milhões o total de menores grávidas em todo o país. "É preciso evitar que este seja o perfil da menina ano 2000."

Ivanir dos Santos disse que não espera um efeito imediato para a campanha e que o objetivo dos 10 mil cartazes e resumos dos relatórios sobre a situação das meninas no Brasil é chamar a atenção para o problema. Ele admite que as denúncias "devem repercutir no Exterior", mas garante que

não está preocupado com isso. "O Itamaraty não pode ficar preocupado apenas com as exportações ou com as relações comerciais do Brasil", disse. "É hora de se preocupar com os prejuízos provocados pela falta de políticas sociais".

A primeira fase da campanha custou US\$ 20 mil, dos quais US\$ 10 mil repassados pela Unicef. O Ceap vem mantendo contatos com a Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos para tentar transformar os cartazes em outdoors, como forma de dar maior destaque à foto da menina Jucélia Lúcia de Souza, 11 anos, que aparece envolta em um cobertor, com uma faixa e um pão simbolizando os troféus de uma miss.

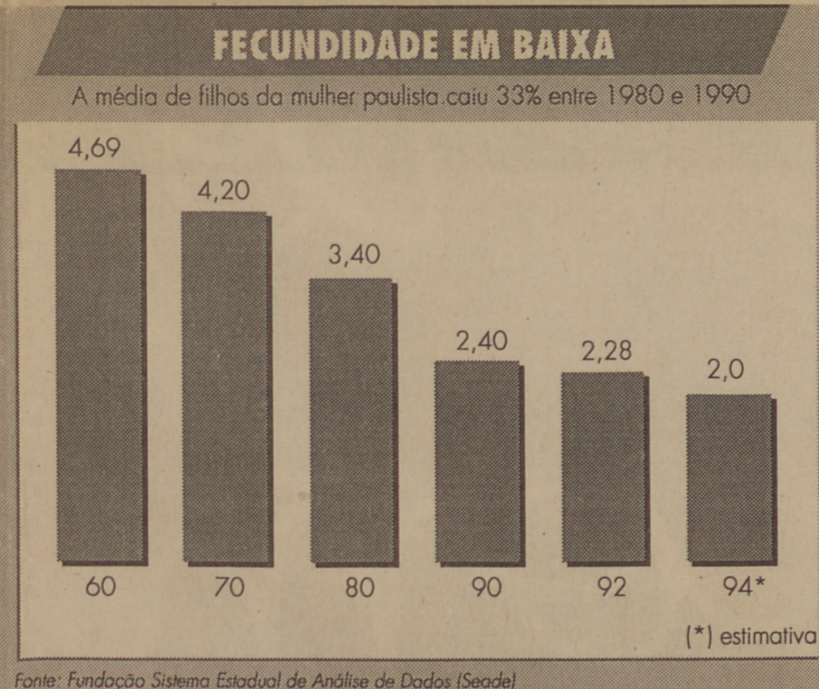
Taxa de fecundidade cai 33% no Estado

ROLDÃO ARRUDA

Entre as mulheres paulistas, o número médio de filhos está caindo num ritmo tão acelerado que chega a surpreender os especialistas em demografia. De acordo com um estudo divulgado ontem pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), a taxa de fecundidade caiu 33% em dez anos: era de 3,14 filhos por mulher em 1983 e baixou para 2,28 em 1992. "Essa queda não tem precedentes na experiência de países e regiões que passaram antes do Brasil pela transição demográfica", disse Letícia Costa, chefe do departamento de análise demográfica do Seade.

Os técnicos do Seade também se surpreenderam com a revelação de que a queda na taxa de fecundidade está ocorrendo de maneira quase homogênea em todas as regiões do Estado e nos mais diferentes níveis sócio-econômicos. "Embora as famílias pobres continuem sendo as mais numerosas, também entre elas o número de filhos caiu", observou o demógrafo Paulo Campanário, consultor do Seade.

De acordo com o estudo, a taxa de fecundidade no Estado começou a



declinar em 1960, quando era de 4,69 filhos por mulher. Este descenso continuou acentuado até 1975, quando estabilizou-se em torno de 3,4. A partir de 1983, porém, a taxa voltou a despencar, chegando a 2,28 em 1992. Os técnicos estimam que ela continua caindo, podendo ter

chegado à média de dois filhos por mulher no Estado. Entre famílias ricas, o número seria menor.

Os técnicos do Seade também avaliaram a taxa de fecundidade de acordo com as regiões administrativas do Estado, formadas por agrupamentos de cidades. Eles constata-

ram que, entre as 43 regiões existentes, a que registrou a maior queda no número de filhos, entre 1980 e 1992 foi a de Jales. Naquela região, situada a noroeste do Estado, a quase 500 quilômetros da Capital, com forte predominância da pecuária, a fecundidade caiu 44,5%, enquanto a média do Estado baixou 33%. Lá, em 1992 já se registrava a média de 2 filhos por mulher. Na Grande São Paulo, a variação foi de 32,4%.

Entre os fatores que podem ter contribuído para a queda na fecundidade, os técnicos apontam o uso crescente de anticoncepcionais. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), em 1986, cerca de 70% das mulheres entre 14 e 49 anos usavam algum método anticoncepcional. Dois deles predominavam: a pílula (40%) e a esterilização (39%).

Para Campanário, outro aspecto que deve ser considerado é o fato de 90% da população do Estado ser assalariada. Nos anos 50, a taxa de assalariados não chegava a 50%. "Quando as famílias tocavam seus próprios negócios, principalmente no campo, o número de braços envolvidos na atividade era muito importante", disse o demógrafo.